"De nihilo, ad nihilum"

Em um mundo onde a fé não passava de uma memória distante, as pessoas vagavam sem propósito, guiadas apenas pelo instinto e pela lógica fria. Não havia redenção, não havia punição, não havia razão maior para existir. Esse era um mundo onde Deus, um ser atemporal, apenas observava.

Os séculos se acumulavam sobre si mesmos, indiferentes ao sofrimento ou à alegria. Sem crenças que sustentassem ilusões de moralidade ou sentido, as sociedades evoluíram para o pragmatismo absoluto. A verdade era simples: tudo era efêmero e vazio.

Nas cidades opressivas, feitas de aço e concreto, os cidadãos se moviam como engrenagens de uma máquina sem dono. Eles trabalhavam, consumiam, dormiam. A vida era uma sucessão de atos desprovidos de qualquer significado além da necessidade de sobrevivência.

Não havia templos, pois não havia preces. Não havia revoluções, pois não havia utopias. O crime era uma escolha sem culpa; a generosidade, um capricho sem recompensa. Cada ação era uma decisão pessoal, sem inferno ou paraíso como consequência.

Na imensidão do tempo, Deus observava. Não interferia, pois não era seu papel. Ele existia além do tempo e da moralidade, apenas como um espectador imutável diante da efemeridade humana.

As crianças, ao nascer, eram instruídas sobre a falta de significado da vida. Cresciam sabendo que suas existências eram um acidente cósmico, sem desígnio ou razão além do acaso. Algumas aceitavam com resignação; outras sucumbiam à loucura.

Os mais brilhantes entre eles tentavam preencher o vazio com conhecimento. Construíam máquinas, desvendavam os mistérios do universo, mas nunca encontravam um propósito maior. A ciência prosperava, mas sem um porquê.

Os artistas pintavam telas vazias, escreviam poemas sem rima, compunham músicas que se dissolviam no silêncio. A arte era um reflexo da ausência, um testemunho da insignificância.

Em meio a tudo isso, uma mulher chamada Elya se perguntava se era possível encontrar sentido no sem sentido. Não desejava um Deus interventor, pois sabia que Ele era apenas um observador eterno, mas ansiava por algo que pudesse quebrar o ciclo de apatia.

Elya via os olhos mortos das pessoas ao seu redor e sentia um desconforto que não sabia nomear. Ela queria amar, mesmo que o amor fosse uma ilusão química. Queria sonhar, mesmo que os sonhos fossem apenas impulsos elétricos sem propósito.

Certa noite, enquanto caminhava pelas ruas sombrias da cidade, encontrou um homem parado à beira de uma ponte. Ele olhava para o rio como se contemplasse o próprio esquecimento.

— Pensando em saltar? — perguntou Elya.

O homem a encarou com olhos vazios. — Não faria diferença.

— Talvez não — disse ela. — Mas e se a diferença não importasse? E se só o ato de escolher fosse suficiente?

Ele riu, um riso seco e sem alegria. — Escolher para quê? Não há nada além deste instante insignificante.

— Então escolha este instante — respondeu Elya. — Se ele é tudo o que temos, que seja nosso.

O homem hesitou. Pela primeira vez, pareceu considerar a possibilidade de algo diferente da indiferença.

Elya não esperou uma resposta. Simplesmente seguiu seu caminho, mas com a certeza de que havia plantado uma semente, ainda que fosse em um solo árido.

Os dias passaram e o homem da ponte não saltou. Em vez disso, começou a notar pequenas coisas ao seu redor: o brilho das luzes na água, o murmúrio distante das conversas humanas, o calor de um café entre as mãos.

O mundo permaneceu sem sentido, mas algumas pessoas começaram a criar significados próprios. Pequenos, transitórios, mas reais.

Os ecos da mudança se espalhavam silenciosamente, mas de maneira inevitável. Pequenos gestos começaram a se multiplicar. Um estranho ajudava outro a se levantar. Uma criança ria sem motivo

aparente. O vazio, ainda imenso, agora tinha pequenas rachaduras.

O homem da ponte, cujo nome era Varian, começou a observar os dias com menos desprezo. Passava horas sentado em cafés, escutando conversas, sentindo o aroma do mundo ao seu redor. Ele ainda não acreditava em um propósito, mas percebia que estar presente era, de alguma forma, suficiente.

Elya cruzava a cidade como um fantasma que deixava rastros de luz. Não pregava nada, não tentava convencer ninguém. Apenas existia, e sua presença causava perturbação na apatia universal.

Com o tempo, outras pessoas começaram a imitá-la sem perceber. Um simples ato de gentileza tornava-se um ciclo. Alguém segurava a porta para um estranho. Outro dividia um pedaço de pão. Pequenos gestos se acumulavam.

Mas ainda havia resistência. Os cínicos zombavam, os apáticos ignoravam. “Tudo voltará ao vazio”, diziam. Elya não os contradizia. Apenas continuava.

Certa noite, um homem de olhos frios a confrontou.

— Você está desperdiçando seu tempo. Nada muda o fato de que a vida é um acidente sem significado.

Elya sorriu. — Talvez. Mas e se o acidente puder ser belo?

Ele hesitou. Essa ideia nunca o havia ocorrido.

Os anos passaram. O cinza do mundo era o mesmo, mas agora havia rachaduras onde a luz podia entrar. Deus observava, inalterado, mas algo havia mudado. Não nele, mas naqueles que viviam sem sua presença.

O tempo seguiria seu curso. O universo continuaria indiferente. Mas onde antes havia apenas um deserto de niilismo, agora havia pequenos jardins crescendo entre as pedras.

09/03/2025